

A constituição e desconstituição dos termos *linguagem*, *língua* e *fala* de Saussure

(The constitution and deconstitution of the terms *langage*, *langue* and *parole* of Saussure)

Thayanne Raísa Silva e Lima¹

¹Instituto de Letras e Linguística – Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

thayannerslima@hotmail.com

Abstract: This article presents the constitution and deconstitution of the terms *langage*, *langue* and *parole* of Ferdinand de Saussure. We will analyze the construction of this tripartition visiting firstly one of his manuscripts called *First Conference at the University of Geneva* (1891), and secondly, the manuscript entitled *Notes for course II* (1909), making notes of the delimitation and definition process of these three terms. However, we have noticed that the work of Saussure may have been deconstituted from the translation of the *Course* to English as there are different translations for these three terms. Therefore, we divided the work into four different moments: first: the presentation of the oldest manuscripts; second: manuscripts closer to the dates of the courses; third: the consolidation of the terms in the *CLG (Curso de Linguística Geral)*, and fourth: the deconstituted translations.

Keywords: Saussure, manuscripts, tripartition, translation.

Resumo: Neste artigo serão apresentadas a constituição e a desconstituição dos termos *linguagem*, *língua* e *fala* de Ferdinand de Saussure. Para analisarmos a constituição dessa tripartição, passamos primeiramente por um de seus manuscritos, chamado *Primeira Conferência na Universidade de Genebra*, de 1891, e, em segundo, pelo manuscrito intitulado *Notas para o Curso II*, de 1909, fazendo nota do processo em que surgiram as delimitações dessa tripartição. Contudo, notamos que o trabalho de Saussure pode ter sido desconstituído a partir das traduções do Curso para a língua inglesa, uma vez que elas apresentam distintas traduções para esses três termos. Portanto, dividimos o trabalho em quatro momentos diferentes. Primeiro: apresentação dos manuscritos mais antigos; segundo: manuscritos mais próximos às datas dos cursos; terceiro: a consolidação dos termos no *CLG (Curso de Linguística Geral)*; e quarto: a desconstituição nas traduções.

Palavras-chave: Saussure, manuscritos, tripartição, tradução.

Introdução

Ferdinand de Saussure (1857-1913), pai da Linguística Moderna, trabalhou para criar um objeto para a Linguística. E assim trabalhou bastante tempo ministrando aulas, escrevendo sobre suas ideias, ou projetos de ideias, que circundavam os estudos linguísticos, como, por exemplo, a crítica ao que estava sendo estudado como ciência linguística até então. Em 1907, o genebrino repassou ideias e novos conceitos aos estudantes do curso que passara a ministrar na Universidade de Genebra. Posteriormente à sua morte, dois de seus alunos, Charles Bally e Albert Sechehaye, resolveram organizar e editar as notas que os discentes fizeram durante os três cursos, surgindo, portanto, o livro conhecido como *Curso de Linguística Geral*.¹

¹ Doravante CLG.

O CLG repercutiu em todo o mundo, tendo hoje tradução para mais de vinte línguas. Além de ser uma das principais referências aos estudos linguísticos, ele se tornou o fundador da linguística moderna e do Estruturalismo. Porém, dentre essas diversas traduções existem algumas com bastantes peculiaridades, em que o processo de tradução teve seus embates e críticas, como as traduções para o russo e o chinês.² Contudo, neste momento, focaremos somente na tradução feita para a língua inglesa.

A tradução do *Curso* para a língua inglesa foi feita primeiramente em 1959 por Wade Baskin e, posteriormente, em 1983, por Roy Harris. A primeira foi bastante criticada, como o próprio Harris afirma: “Saussure has on the whole been poorly served by his English translator and commentators”³ (1983, p. xiii, Prefácio), apontando, portanto, como essa tradução de Baskin foi vista por aqueles que estudavam Saussure na época. Em seguida, Harris fez uma nova tradução do CLG, mas que também foi alvo das críticas, como justifica Evans (1991, p. 191), ao optar fazer citações da tradução de Baskin em seu livro: “Escolhi usar a tradução do *Cours* de Wade Baskin, em vez da recente tradução de Roy Harris. Enquanto a tradução de Harris é, em muitos aspectos, uma melhoria, em pontos cruciais ela implica uma interpretação em desacordo com o texto original” (tradução nossa).

Faremos, portanto, uma análise do trabalho de anos que Saussure levou para constituir limites entre os conceitos de *linguagem*, *língua* e *fala*. Para tanto, utilizaremos os manuscritos *Primeira Conferência na Universidade de Genebra*, datado de 1891, e outro escrito um pouco mais tarde, de 1909, intitulado *Notas para o Curso II*. Em ambos, apontaremos as diferenças e semelhanças apresentadas nessa tripartição de Saussure até a constituição final dos termos no *Curso de Linguística Geral*.

Posteriormente a essa análise, faremos nota do processo de desconstituição desses conceitos presentes nas controversas traduções do *Curso* para a língua inglesa. Isso se deve ao fato de Baskin ter traduzido *língua*, *linguagem* e *fala* de uma forma e Harris ter escolhido traduzi-los de uma maneira completamente distinta.

De acordo com tais diferenças, partimos do pressuposto de que todo aquele processo de constituição dos limites entre os conceitos – notado nos manuscritos de Saussure – foi desconstituído por essas diferentes traduções. Analisaremos tais questões a partir dos primeiros esboços desses termos, até que virassem conceitos próprios da linguística estruturalista.

A constituição dos conceitos *linguagem*, *língua* e *fala*

Linguagem, *língua* e *fala* são conceitos que há muito circundavam os estudos da linguística. Desde a gramática comparada já se falava neles, mas não havia uma distinção entre os mesmos. Foi somente com Saussure, no início do século XX, que os mesmos foram definidos e constituídos de forma que conseguíssemos notar limites que os separavam, e os conceituavam. Assim, Normand (2009) afirma que “estes [conceitos] são elaborados com o cuidado de operar as demarcações fundadoras, elas vão definir o ponto de vista que o linguista deve adotar e que, simulando aquele do locutor, distancia-se do que Saussure chama de “ciências conexas” (história, sociologia...)” (p. 49). Logo, a

2 Ver Lima (2011).

3 “Saussure tem sido, sobretudo, mal servido por seu tradutor inglês e comentaristas” (tradução nossa).

partir dessa delimitação, a tripartição saussuriana tomou grande importância nos estudos linguísticos como afirma Silveira (2007, p. 20): “as questões que o livro coloca sobre a língua, a fala e a linguagem marcam a linguística que, a partir daí, não está mais diante do mesmo objeto”.

Dessa forma, abordaremos os manuscritos para nos situar em relação a esse processo de constituição da teoria saussuriana, detendo-nos principalmente na elaboração dos termos *linguagem*, *língua* e *fala* que são essenciais na compreensão de toda a teoria supracitada.

O manuscrito *Primeira Conferência na Universidade de Genebra*

O primeiro manuscrito que trabalharemos, intitulado por Godel⁴ como *Primeira conferência na Universidade de Genebra*, está datado, também por ele, como de novembro de 1891, exatos 16 anos antes do primeiro *Curso de Linguística Geral*, e de acordo com Silveira (2011), é bastante provável que esse manuscrito, seguido de outros dois que são nomeados como segunda e terceira conferência, “[...] trata-se das três primeiras aulas de Saussure em Genebra, de um curso que se chamava ‘Fonética do Grego e do Latim’” (SILVEIRA, 2011, p. 4).

Apesar de o nome dos manuscritos e do curso não fazerem sequer referência aos termos que nos propomos a investigar, no decorrer da leitura de tais obras conseguimos identificar aspectos que se referiam a eles, ou até mesmo rasuras feitas por Saussure, em que pudéssemos ler, por debaixo delas, os termos que procuramos.

Já na primeira página desse manuscrito nos deparamos com a palavra *langage* suprimida pelas rasuras de Saussure: “[...] cette j’aurais à définir la place qui revient dans le cercle des connaissances humaines à la science ~~du langage~~” (aula inaugural, f. 1; linhas 12-13 apud 3951-1/PS/BGE)^{5,6}

Notamos, portanto, já uma primeira hesitação do autor em colocar a palavra *linguagem*, em que nos parece que ele tivera a intenção de apagar essa questão de ser “[...] uma ciência da linguagem”, deixando somente o conceito “[...] dos conhecimentos humanos a essa ciência”. Dessa forma, podemos inferir desse fragmento uma primeira incerteza de Saussure quanto ao conceito de *linguagem*.

Na página 8 do manuscrito, vemos o ponto que confirma explicitamente a não distinção dos termos. Saussure aponta: “Langue et langage ne sont qu’une même chose; l’un est la généralisation de l’autre” (SAUSSURE, f. 8; linhas 23-25).⁷ Vemos que esse conceito não condiz com os ensinamentos saussurianos abordados nos cursos do início do século XX, em que o autor faz uma distinção clara entre tais termos, como veremos a seguir. As palavras “[...] uma é a generalização da outra” caracterizam *língua* e *linguagem* de uma forma ainda bem distante da que conhecemos no CLG.

4 Apesar de utilizarmos neste trabalho o livro *Escritos de Linguística Geral*, com a transcrição dos manuscritos, quem originalmente nomeou tal conjunto foi Godel, que também os catalogou.

5 “[...] de estabelecer o lugar que ela ocupa no círculo dos conhecimentos humanos [...]” (SAUSSURE, 2002, p. 126).

6 Os manuscritos aqui utilizados nos foram cordialmente cedidos pela Prof. Dra. Eliane Mara Silveira.

7 “Língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra” (SAUSSURE, 2002, p. 128).

Essa afirmação é, na verdade, totalmente contrária ao conceito final apresentado por Saussure.

Na página 5, notamos novamente que o genebrino ainda não tinha bem definida a distinção entre *língua* e *linguagem*, e ainda acrescenta o terceiro termo *tripartição*. Apesar de o fragmento estar rasurado por ele, notamos: “~~Le langage? Mais la parole? C’est une chose que nous oublions généralement parce que [...]~~” (SAUSSURE, f. 5; linhas 21-23).⁸

Vemos aqui que Saussure refere-se ao termo *parole* que ainda não aparecera no manuscrito, porém no próximo parágrafo, já na página 6, temos a formulação de uma frase que suprime o termo *fala*: “Le langage ou la langue peut-il passer pour un objet qui appelle par lui-même, l’étude?” (SAUSSURE, f. 6; linhas 1-3).⁹

Lembramos o que Silveira (2007) ressalta acerca das rasuras desse mesmo manuscrito: “[...] o que se rompe retorna como repetições ou mesmo integrado no texto, o que já aponta para um deslocamento na elaboração de Saussure” (SILVEIRA, 2007, p. 125). Entretanto, no caso dessa última rasura, ele optou por não retornar, como vimos no segmento acima. Seguindo nesta página, o autor aponta: “[...] ~~parole~~ [...] ou come on dit le ~~langage~~ articulée” (SAUSSURE, f. 6; linhas 11-12).¹⁰

Notamos que o autor rasura a palavra *langage*, depois acrescenta a palavra *parole* acima dela, e ainda assim a risca, demonstrando-nos exatamente essa distinção que ainda não existia para o próprio Saussure. Apesar de os editores do *Escritos de Linguística Geral* optarem pela palavra *fala* na transcrição dessa passagem, Saussure não opta por nenhuma das duas na elaboração do seu manuscrito. Portanto, concordamos com Vinhais (2011, p. 4), que afirma que “[...] os três termos, fala, língua e linguagem ainda estavam num emaranhado, isto é, apenas num *a posteriori* Saussure delimitaria seus conceitos, ou pelo menos, suas diferenças”.

Notamos, no manuscrito acima citado, um movimento de constituição dos termos. Saussure demonstra-se incerto sobre a expressão que seria mais adequada para a construção de suas frases; ele deixa muitas delas incompletas e até retira algumas do seu corpo de texto. Essa primeira conferência nos mostra um momento claro de elaboração dessa tripartição.

O manuscrito *Notas para o Curso II*

Ao partir para a análise do outro manuscrito, intitulado *Notas para o Curso II (1908-1909): Dualidades*,¹¹ conseguimos notar uma grande aproximação do que encontramos no CLG. Vemos, por exemplo, quando ele discorre sobre a *linguagem*: “Le langage ne promettrais que l’idée d’une multiplicité, elle-même composée de faits hétérogènes [...]” (SAUSSURE, 3951-22, f. 1).¹²

8 A linguagem, mas a fala? Isso é algo que costumamos esquecer, porque [...]” (tradução nossa).

9 “Pode-se considerar a linguagem ou a língua como um objeto que pede por si mesmo, esse estudo?” (SAUSSURE, 2002, p. 128).

10 “Ou como se diz, a fala articulada” (SAUSSURE, 2002, p. 128).

11 Notamos que esses foram escritos anos depois do primeiro, e que as datas coincidem com o momento em que Saussure ministrava aulas sobre Linguística em Genebra.

12 A linguagem não promete uma ideia de multiplicidade; ela própria é composta de fatos heterogêneos (tradução nossa).

Percebemos aqui a *linguagem* já vista como heterogênea. Depois temos uma abordagem do conceito de *língua* seguindo-se como:

La langue et consacrée socialement et ne depend pas de l'individu. Est de l'individu, ou de la Parole:

- a) Tout ce qui est Phonation
- b) Tout ce qui est combination
- c) Tout ce qui est Volonté

Dualité Parole/Langue Volonté individual/Passivité sociale.¹³
(SAUSSURE, 3951-22)

Nesse fragmento é apresentado o discurso abordado no *Curso de Linguística Geral*, como afirmações de que a *língua* é social e de que a *fala* é individual, por exemplo, conceitos essenciais para a construção da teoria saussuriana. As conhecidas dicotomias já se apresentam nesse momento como dualidades, reafirmando essa aproximação da elaboração final do *Curso de Linguística Geral*.

Notamos, portanto, que no primeiro manuscrito que trabalhamos há uma grande distância acerca do que conhecemos da tripartição saussuriana, já nesse segundo manuscrito há uma aproximação do que nos é apresentado posteriormente no *Curso de Linguística Geral*. Contudo, eles ainda não são exatamente como no curso.

A tripartição no *Curso de Linguística Geral*

Depois de fazermos nota de todo esse processo em que nos fica claro que Saussure trabalhou durante muitos anos para chegar aos conceitos finais de *linguagem*, *língua* e *fala*, apontaremos como essa tripartição se apresenta no CLG com conceitos bem distintos entre si, apesar de estarem correlacionados, e, se valerem uns dos outros para serem explicados, conseguimos diferenciá-los. É nesse momento que Saussure marca os estudos da linguística, mostrando um estudo diferente dos que estavam sendo feitos na época.

Primeiramente veremos como o conceito de *linguagem* está no CLG (SAUSSURE, 2006):

A linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social [...] (p. 17). Enquanto a linguagem é heterogênea, a língua assim delimitada é de natureza homogênea [...] (p. 23). O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua [...] outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala. (p. 27)

Ao compararmos as formulações de Saussure nessas notas com o que temos no CLG, podemos notar o quanto os termos e conceitos se aproximam na explicação – Saussure inclusive usa a mesma palavra (“heterogênea”) para caracterizar a *linguagem*.

13 “A língua é consagrada socialmente e não depende do indivíduo. É do indivíduo, ou da fala: a) Tudo o que é Fonação; b) tudo o que é combinação – tudo o que é Vontade. Dualidade: Fala/Língua e Vontade individual/passividade social” (SAUSSURE, 2002, p. 258).

Já para o conceito de *língua* presente no CLG (SAUSSURE, 2006), temos o seguinte:

Ela é um objeto bem definido no conjunto heteróclito dos fatos da linguagem. (p. 22) [...]. A língua, distinta da fala, é um objeto que se pode estudar separadamente (p. 22) [...]. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade dos indivíduos. (p. 17)

Com tais conceitos percebemos novamente uma congruência com o manuscrito *Notas para o Curso II*, que utiliza novamente a palavra “social” para definir a *língua*, mas ao mesmo tempo, completamos a ideia daquele contraponto citado anteriormente, em que Saussure coloca no manuscrito da primeira conferência que “[...] língua e linguagem são apenas uma mesma coisa: uma é a generalização da outra”, o que fica completamente diferente do que aparece no CLG. Isso nos mostra exatamente esse movimento de constituição do conceito que podemos perceber durante todos esses anos, pois de 1891 a 1913, os conceitos saussurianos foram amadurecendo e tomando outros rumos.

Para concluir, trazemos a definição de *fala* presente no CLG (2006, p. 22):

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo: 1º, o que é social do que é individual; 2º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos accidental [...]. A fala, é ao contrário [da língua], um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psicofísico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

Dessa forma, fechamos com a certificação de que novamente os conceitos de *fala* não se diferem bastante das notas feitas pelo genebrino. Contudo, a palavra *parole* aparecia timidamente entre as rasuras de Saussure, e no *Curso de Linguística Geral* ela também não foi ponto de grande referência, mas esse já se torna outro tópico de discussão que não nos diz respeito neste momento.

Até então notamos dois processos distintos: num primeiro momento, vimos como Saussure elaborava os termos que analisamos em seus manuscritos, criando conceitos e frases que foram rasuradas e desenvolvidas com novos termos; num segundo momento, notamos no CLG que esses conceitos já estavam estabelecidos e explicados ao longo do livro, com muitos exemplos e esclarecimentos. A seguir, veremos como essa tripartição que, como notamos, levou anos para ser constituída, foi somente uma tradução desconstituída que se perde em conceitos não muito bem elaborados.

A desconstituição nas traduções para o inglês

Nas traduções para a língua inglesa, deparamo-nos com uma complicação nesses termos que se apresentaram como essenciais na compreensão das ideias saussurianas. Como dito antes, temos duas versões de tradução do CLG na língua inglesa, e veremos aqui como os termos *linguagem*, *língua* e *fala* podem ter sido desconstituídos.

A primeira tradução, feita em 1959 por Wade Baskin, suscitou várias críticas dos estudiosos de Saussure, sendo que muitos linguistas americanos, ao citar o mestre genebrino, preferiam citá-lo na sua língua original – vemos isso nas obras de Chomsky (1964)

e Labov (1972), por exemplo. Além disso, no prefácio da segunda edição, Harris (1983) aponta vários problemas na tradução de Baskin, como:

Suffice it to say that the varied catalogue of mistranslations available for public inspection runs the whole gamut from the trivial to the grossly misleading (*langage* rendered as “speech”). On crossing the Channel Saussure has been made to utter such blatantly un-Saussurean pronouncements as “language is a form, not a substance”.¹⁴ (HARRIS, 1983, p. xiii)

Harris (1983) propôs uma nova tradução, em que prometia ser “Primeiramente ao leitor que não é um especialista em linguística” (p. xiv), o que presumimos ser uma leitura tranquila para aqueles que se interessam por Saussure; contudo, a nova tradução também foi alvo de críticas, uma vez que Harris foi acusado de ser interpretativo, como vimos anteriormente. É interessante notar que, em seu próprio livro, publicado após a tradução do CLG, ele mesmo aponta esses problemas, e decide utilizar os termos em francês, afirmando, portanto, que:

Anyone who chooses to write about Saussure in English immediately takes up various self-inflicted burdens [...]. Be that as it may, there soon comes a point at which any commentator must have recourse to citing the French texts available. I have done this wherever it seemed to me that the original wording was important or indispensable for the clarification of a particular issue (which is most of the time).¹⁵ (HARRIS, 2001, Prefácio)

Para explicitar como essa desconstituição acontece nas duas traduções, elaboramos uma tabela com os termos em português e em ambas as traduções.

Tabela 1 – Traduções de *Linguagem, língua e fala* de acordo com Saussure (1959, 1983)

	Baskin	Harris
Linguagem	Speech	Language
Língua	Language	1 – linguistic structure
		2 – language system
		3 – a language/the language
Fala	Speaking	Speech

Esse quadro nos indica que os termos indicados à esquerda dele se tornaram diferentes tanto em uma como em outra tradução – nos parece que a proposta de distinção

14 “Basta dizer que o catálogo variado de erros de tradução, disponível para consulta pública, corre toda a gama do trivial à mais grosseiramente enganosa (*langage* traduzida como ‘speech’). Ao cruzar o Canal Saussure, têm sido feitas declarações descaradamente antissaussurianas como ‘linguagem é uma forma, não uma substância’” (tradução nossa).

15 “Qualquer pessoa que escolhe escrever sobre Saussure em inglês ocupa, imediatamente, vários encargos autoinfligidos [...]. Seja como for, lá em breve chega a um ponto em que qualquer comentador deve recorrer a citar os textos disponíveis em francês. Eu tenho feito isso sempre que me pareceu que a redação original era importante ou imprescindível para o esclarecimento de uma questão específica (que é na maioria das vezes)” (tradução nossa).

que Saussure elabora no CLG fica perdida. Notamos que as traduções parecem confundir os termos ou nos levam a um processo de leitura que requer muito cuidado e atenção. Aquela tripartição proposta por três termos diferentes em francês (*langage, langue e parole*) apresenta-se, pois, com dificuldade na língua inglesa, uma vez que não temos os três termos no idioma em questão.

Conclusão

Diante dos aspectos supramencionados, podemos concluir que o processo de constituição dos termos *linguagem, língua e fala* levou anos para ser consolidado. Ferdinand de Saussure demonstra titubear em relação a tais conceitos em seus manuscritos de 1891, mas já nas notas para seu curso vemos as delimitações bastante claras entre os termos, assim como observamos no CLG essas demarcações em acordo com as notas. Assim criou-se uma teoria que se tornou conhecida mundialmente, sendo traduzida para mais de vinte línguas.

Entretanto, os tradutores do CLG em inglês encontraram grandes problemas durante a tradução, desconstituindo os conceitos de Saussure e fazendo com que os leitores pudessem interpretar de maneira equivocada a tripartição saussuriana. Isso pode desencadear uma má compreensão de elementos posteriores na leitura do *Curso de Linguística Geral*.

Acreditamos que tanto Baskin quanto Harris se depararam com questões complicadas no momento de tradução de tais conceitos. Assim, defendemos que, diante de todas essas complicações, os conceitos de Saussure podem não ter ficado bem claros para os leitores do Curso em língua inglesa, e isso causou uma desconstituição da tripartição de Saussure; uma vez que isso acontece com termos tão essenciais da obra dele, acreditamos também que a leitura do CLG pode ficar comprometida e assim criar leitores, e até linguistas, que não compreendem uma obra tão importante para os estudos da linguagem, como aponta Sanders (2000, p. 355): “[...] the CGL had become a canonical text which was known but still misunderstand and misquoted”.¹⁶

Desse modo, o processo de constituição do genebrino parece ser desconstituído na primeira tradução e, apesar das críticas feitas a ela pelo próprio Harris, ainda permanecemos com uma versão do CLG em inglês com termos que desconsideram todo o processo que Saussure levou para estabelecê-los, os quais são fundamentais para a Linguística.

REFERÊNCIAS

CHOMSKY, Noam. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1964. p. 23

EVANS, Joseph Claude. *Strategies of deconstruction*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1991, 208 p.

¹⁶ O CLG tornou-se um texto canônico, bastante conhecido, mas que ainda não era bem compreendido ou erroneamente citado (tradução nossa).

HARRIS, R. *Saussure and his interpreters*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2001. 224 p.

_____. Translator's Introduction. In: SAUSSURE, Ferdinand de. *Course in General Linguistics*. London: Open Court Classics, 1983. p. ix – xvi.

LABOV, W. *Sociolinguistic Patterns*. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 1972. 347 p.

LIMA, T. R. S. Os problemas de tradução no Curso de Linguística Geral. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., n. 2, 2011, Uberlândia. *Anais...* do SILEL. Uberlândia: EDUFU, 2011.

_____. *Saussure*. Tradução de Ana de Alencar e Marcelo Diniz. São Paulo: Estação Liberdade, 2009. 183 p.

NORMAND, C. *Convite à Linguística*. Organizado por Valdir Flores e Leci Borges Barbisan. Tradução de Cristina de Campos Velho Birck. São Paulo : Contexto, 2009

SANDERS, Carol. Saussure Translated. *Historiographia Linguistica*, XXVII 2/3, p. 345-358. 2000.

SAUSSURE, F. *Course in General Linguistics*. Tradução de Wade Baskin. Nova Iorque: Philosophical Library, 1959. 260 p.

_____. *Course in General Linguistics*. Tradução de Roy Harris. EUA: Open Court Classics, 1983. 236 p.

_____. *Escritos de Linguística Geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler. Tradução de Carlos Augusto Leuba Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2002. 299 p.

_____. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVEIRA, E. M. *As marcas do movimento de Saussure na fundação da Linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. 168 p.

_____. Uma leitura preliminar de dos manuscritos de Ferdinand de Saussure: ‘*Conférences à l’Université*’ e ‘*L’essence Double du langage*’. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2011, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011.

VINHAIS, E. A. A noção de fala em Ferdinand de Saussure: dos manuscritos ao Curso de Linguística Geral. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 2., 2011, Uberlândia. *Anais...* Uberlândia: EDUFU, 2011.